



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas 2

Atena
Editora
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes: Perspectivas
Críticas e Teóricas 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

| Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG) | |
|---|--|
| L649 | Letras, linguística e artes: perspectivas críticas e teóricas 2 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-378-1 DOI 10.22533/at.ed.781190506 1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série. CDD 407 |
| Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422 | |

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Uma grande partilha de saberes é revelada neste livro aos diversos leitores e interlocutores desta obra. Todos os trabalhos que dão formas a este livro partem de correntes teóricas e práticas em que os autores se identificam, além disso, esta coletânea revela e mostra como as múltiplas motivações cooperam para a ampliação dos conhecimentos a serem adquiridos pelos sujeitos que aceitam o desafio de desbravar cada estética e poética textual.

Neste segundo volume da coletânea, a diversidade de temas tratados insere-se na tríade: *letras, linguística e artes*. São tratados neste livro quarenta e um trabalhos de variados autores que admitem a necessidade de realização e amostragem da pesquisa científica, porque mesmo alguns dizendo que no Brasil não se produzem conhecimentos, mostramos que produzimos sim, produzimos muita ciência.

No primeiro capítulo, os autores demonstram a importância cultural imaterial existente nos mitos e lendas da cidade de Barreirinhas, Estado do Maranhão. No segundo capítulo, alguns resultados são apresentados sobre a realização do procedimento sequência didática a partir de um gênero textual. No terceiro capítulo são compreendidos os diversos aspectos na obtenção das noções gerais do processo administrativo fiscal.

No quarto capítulo, os autores problematizam reflexões sobre as polêmicas existentes entre os conceitos de normalidade e anormalidade. No quinto capítulo, a autora analisa o conto *A Igreja do Diabo*, de Machado de Assis, sob o viés do Discurso Religioso. No sexto capítulo há uma exposição de uma pesquisa cujo tema foi a aprendizagem da língua inglesa com o uso de jogos pedagógicos como estratégias de motivação para o aluno aprender um idioma estrangeiro.

No sétimo capítulo, os autores relatam uma experiência desenvolvida no Ensino Médio Integrado do Campus Paraíso do Tocantins, do Instituto Federal do Tocantins. No oitavo capítulo o ensino de língua inglesa para crianças é tomado como ponto de reflexão. No nono capítulo, a autora apresenta resultados parciais de entrevistas referentes ao ensino de língua italiana para a terceira idade.

No décimo capítulo, os autores relatam algumas experiências vividas durante um projeto de ensino de língua italiana voltado ao público infantil. No décimo primeiro capítulo, as autoras apresentam os aspectos referentes ao funcionamento do cérebro humano no ato de ler e os aspectos cognitivos envolvidos na leitura. No décimo segundo capítulo, a autora analisa como os discursos médicos sobre a loucura e as instituições estatais à enfermidade psíquica se destoam da descrição dos internos a respeito da experiência da insanidade e com o respectivo aparato clínico e institucional.

No décimo terceiro capítulo, as autoras discutem a inclusão do internetês como prática escolar em uma tentativa de aproximação do ensino da língua portuguesa com a realidade dos alunos. O autor do décimo quarto capítulo apresenta e sugere algumas estratégias de ensino no contexto da Educação de Jovens e Adultos, reiterando que

não devem ser seguidas como fórmulas infalíveis, mas como formas de problematizar as práticas de professores. No décimo quinto capítulo é discorrido sobre a conceituação de reificação do sujeito, concebida pelo filósofo alemão Axel Honneth.

No décimo sexto capítulo, os autores discutem como o Programa Inglês sem Fronteiras, na Universidade Federal de Sergipe tem contribuído para a formação de professores de língua inglesa. No décimo sétimo capítulo, as autoras sistematizam as relações musicais e sociais de um grupo de jovens no decorrer de encontros de musicoterapia, utilizando-se da pesquisa qualitativa. No décimo oitavo capítulo, as autoras analisam e investigam os efeitos de sentidos dos discursos sobre a inclusão do sujeito surdo no ensino regular.

No décimo nono capítulo é discutido a subutilização do texto poético em salas de aula do Ensino Fundamental. No vigésimo capítulo, as autoras apresentam uma análise sobre a organização pedagógica do trabalho com Educação Física na Educação Infantil do Campo, identificando o lugar que ocupam os jogos e as brincadeiras no universo escolar das crianças do campo. No vigésimo primeiro capítulo, o autor averigua a incidência de textos sagrados das tradições monoteístas do Judaísmo, do Cristianismo e do Islamismo no romance *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar.

No vigésimo segundo capítulo são propostas algumas reflexões sobre a atuação do psicólogo dentro do universo escolar. No vigésimo terceiro capítulo, os autores estabelecem ligação entre a arte urbana e o geoprocessamento, com a finalidade de explorar a pluralidade de leituras do espaço urbano do município do Rio Grande – RS. No vigésimo quarto, a autora reflete sobre o trabalho com a produção, correção e reescrita textual, decorrente de um processo de Formação Continuada de ações colaborativas promovidas pela pesquisadora.

No vigésimo quinto capítulo, a autora apresenta resultados de uma pesquisa que problematiza a maneira como uma coletânea de material didático de língua inglesa para o ensino médio é investigada. No vigésimo sexto capítulo, a autora explora o possível auxílio que os dicionários de sinônimos poderiam oferecer a estudantes de espanhol de níveis mais avançados que necessitam executar tarefas pedagógicas de produção. No vigésimo sétimo capítulo um projeto de extensão e todas as suas etapas são apresentados pelas autoras.

No vigésimo oitavo capítulo, as autoras refletem as relações entre linguagem e poder por meio de análises de posicionamentos dos internautas em notícias veiculadas em sites e postagens em mídias sociais que mostrem a influência do uso da norma culta e debates sobre a língua. No vigésimo nono capítulo, a autora problematiza a representação sobre o indígena como cultura minoritária constituída pela esfera jurídico-administrativa cujo eco discursivo repercute na esfera educacional brasileira. No trigésimo capítulo, os autores discorrem sobre as noções de sentidos no Curso de Linguística Geral, de Ferdinand de Saussure, abordando questões de sentido e referência de um sistema linguístico.

No trigésimo primeiro capítulo, a autora desenvolve a ação pedagógica adotando

uma postura interdisciplinar e de trabalho em equipe, construindo competências e saberes educacionais, além de colaborar com a formação musical dos integrantes do grupo. No trigésimo segundo capítulo, os autores estudam o sofrimento amoroso e a afinidade do amor nas canções brasileiras passionais separando-as em duas subcategorias. No trigésimo terceiro capítulo, os autores colocam em discussão a linguagem audiovisual da série animada estadunidense de humor *South Park*, no tratamento da religião islâmica como forma de desobediência e resistência ao chamado radicalismo religioso do grupo Estado Islâmico.

No trigésimo quarto capítulo, os autores propõem uma nova sequência didática para trabalhar o gênero textual cardápio nas aulas de língua inglesa. No trigésimo quinto capítulo, os autores apresentam uma leitura do romance juvenil *O Fazedor de Velhos*, de Rodrigo Lacerda, alisando os elementos estruturais da narrativa, como a configuração da personagem principal, do espaço e do narrador. No trigésimo sexto capítulo, os autores investigam o romance *Rua do Siriri*, de Amando Fontes, com a finalidade de elucidar como as mulheres viviam durante o período histórico discutido no texto literário.

No trigésimo sétimo capítulo, as autoras investigam os estereótipos veiculados pelo discurso midiático referente à ocupação da mesa do senado durante a Reforma Trabalhista, 2017. No trigésimo oitavo capítulo, a autora verifica como os livros didáticos de Língua Portuguesa do segundo ciclo dos anos iniciais do ensino fundamental indicados pelo Ministério da Educação, por meio do Plano Nacional do Livro Didático, 2016, apresentam e exploram a variação linguística. No trigésimo nono capítulo, a autora apresenta um estudo investigativo à luz dos vínculos linguístico-culturais e identitários de professores de língua inglesa.

No quadragésimo capítulo, a autora analisa a natureza de contexto a partir de dados obtidos em grupos de leitura compartilhada sob uma perspectiva ecológica. E, por fim, no quadragésimo primeiro capítulo, o contexto da Educação Infantil na relação com a formação de professores representa o foco de discussão, partindo, sobretudo da cultura corporal nesse contexto de ensino.

Desejamos aos leitores um proveitoso passeio pelas reflexões inseridas em cada capítulo e que as teorias e as práticas sejam capazes de problematizar a construção de novos conhecimentos aos interlocutores que queiram desvendar esta coletânea.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| MEMORIA CULTURAL: OS MITOS E AS LENDAS QUE ENCANTAM A COMUNIDADE E VISITANTES DE BARREIRINHAS – MA | |
| Fernanda Carvalho Brito | |
| Monique de Oliveira Serra | |
| Michelle de Sousa Bahury | |
| Luciano Torres Tricário | |
| DOI 10.22533/at.ed.7811905061 | |
| CAPÍTULO 2 | 13 |
| MINHA TERRA TEM HISTÓRIAS-O GÊNERO CORDEL NO ALEGRE | |
| Aleide Josse Rodrigues Ataíde Costa | |
| Rosilene Alves de Sousa | |
| DOI 10.22533/at.ed.7811905062 | |
| CAPÍTULO 3 | 28 |
| NOÇÕES GERAIS DO PROCESSO ADMINISTRATIVO FISCAL | |
| Marina de Alcântara Alencar | |
| Priscila Francisco da Silva | |
| Marcondes da Silveira Figueiredo Junior | |
| DOI 10.22533/at.ed.7811905063 | |
| CAPÍTULO 4 | 36 |
| NORMALIDADE E ANORMALIDADE | |
| DISCUTINDO ENQUADRAMENTOS COMPORTAMENTAIS | |
| Paulo de Tasso M. de Alexandria Junior | |
| Jéssica Gontijo Nunes | |
| Juliane Hirosse Malizia | |
| Mariana Araújo Bichuete Cavalcante | |
| Millais Lariny Soares Rippel | |
| DOI 10.22533/at.ed.7811905064 | |
| CAPÍTULO 5 | 52 |
| O DISCURSO RELIGIOSO NO CONTO A IGREJA DO DIABO, DE MACHADO DE ASSIS: INTERTEXTUALIDADE ENTRE BÍBLIA E LITERATURA | |
| Priscilla Cruz Delfino | |
| DOI 10.22533/at.ed.7811905065 | |
| CAPÍTULO 6 | 69 |
| O ENSINO DE INGLÊS POR MEIO DE JOGOS PEDAGÓGICOS: UMA ESTRATÉGIA PARA O ENVOLVIMENTO ATIVO DO ALUNO COM A APRENDIZAGEM DE UM NOVO IDIOMA | |
| Claudecy Campos Nunes | |
| DOI 10.22533/at.ed.7811905066 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 7 | 85 |
| O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA DE FORMA INTERDISCIPLINAR, INTERCULTURAL E LÚDICA: ESPANGLISH, UM EXEMPLO DE INOVAÇÃO | |
| Graziani França Claudino de Anicézio Márcia Sepúlveda do Vale Roberto Lima Sales | |
| DOI 10.22533/at.ed.7811905067 | |
| CAPÍTULO 8 | 95 |
| O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS NO PIBID: APRENDIZADOS E EXPERIÊNCIAS | |
| Anna Clara de Oliveira Carling Riscieli Dallagnol | |
| DOI 10.22533/at.ed.7811905068 | |
| CAPÍTULO 9 | 104 |
| O ENSINO DE LÍNGUA ITALIANA PARA A TERCEIRA IDADE | |
| Wânia Cristiane Beloni | |
| DOI 10.22533/at.ed.7811905069 | |
| CAPÍTULO 10 | 115 |
| O ENSINO DE LÍNGUA ITALIANA PARA CRIANÇAS | |
| Alessandra Camila Santi Guarda Gabriel Bonatto Roani Wânia Cristiane Beloni | |
| DOI 10.22533/at.ed.78119050610 | |
| CAPÍTULO 11 | 125 |
| O FUNCIONAMENTO DO CÉREBRO E OS PROCESSOS COGNITIVOS ENVOLVIDOS NO ATO DE LER NUMA PERSPECTIVA DA NEUROCIÊNCIA | |
| Silvana Lúcia Costabeber Guerino Janaína Pereira Pretto Carlesso | |
| DOI 10.22533/at.ed.78119050611 | |
| CAPÍTULO 12 | 132 |
| O HOSPÍCIO EM DISPUTA: O DISCURSO MÉDICO E A LITERATURA BARRETEANA | |
| Roberta Teixeira Nascimento | |
| DOI 10.22533/at.ed.78119050612 | |
| CAPÍTULO 13 | 147 |
| O INTERNETÊS NA ESCOLA | |
| Lidiane da Silva Alves Marta Marte Guedes | |
| DOI 10.22533/at.ed.78119050613 | |
| CAPÍTULO 14 | 155 |
| ESTRATÉGIAS DE ENSINO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS | |
| Ivan Vale de Sousa | |
| DOI 10.22533/at.ed.78119050614 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 15 | 164 |
| O NÃO RECONHECIMENTO DO OUTRO E A EDUCAÇÃO: A REIFICAÇÃO DE AXEL HONNETH | |
| Caroline Mitidieri Selvero | |
| DOI 10.22533/at.ed.78119050615 | |
| CAPÍTULO 16 | 175 |
| O PROGRAMA INGLÊS SEM FRONTEIRAS E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE INGLÊS: LEGISLAÇÃO E PERCEPÇÕES | |
| Luana Inês Alves Santos | |
| Sérgio Murilo Fontes de Oliveira Filho | |
| DOI 10.22533/at.ed.78119050616 | |
| CAPÍTULO 17 | 181 |
| O QUE EXPRESSAM OS JOVENS QUANDO CRIAM MÚSICA: A MUSICOTERAPIA MEDIANDO INTERAÇÕES | |
| Neide A. Silva Gomes | |
| Rosemyriam Cunha | |
| DOI 10.22533/at.ed.78119050617 | |
| CAPÍTULO 18 | 195 |
| O SUJEITO SURDO NO ENSINO REGULAR: ANÁLISE DOS DISCURSOS DA LEI 10.436 E DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO | |
| Maria Andreia Lopes da Silva | |
| Marilza Nunes de A. Nascimento | |
| Claudete Cameschi de Souza | |
| DOI 10.22533/at.ed.78119050618 | |
| CAPÍTULO 19 | 205 |
| O TEXTO POÉTICO EM SALA DE AULA: ESSE BEM INCOMPREENDIDO | |
| Valdenides Cabral de Araújo Dias | |
| DOI 10.22533/at.ed.78119050619 | |
| CAPÍTULO 20 | 218 |
| O TRABALHO PEDAGÓGICO COM JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAMPO | |
| Elizabeth Pereira Barbosa | |
| Luciana Freitas de Oliveira Almeida | |
| DOI 10.22533/at.ed.78119050620 | |
| CAPÍTULO 21 | 230 |
| OS PALIMPSESTOS SAGRADOS DA <i>LAVOURA ARCAICA</i> | |
| Raphael Bessa Ferreira | |
| DOI 10.22533/at.ed.78119050621 | |
| CAPÍTULO 22 | 243 |
| PENSANDO O FAZER DA PSICOLOGIA NO AMBIENTE ESCOLAR | |
| Luiza Bäumer Mendes | |
| Marcele Pereira da Rosa Zucolotto | |
| DOI 10.22533/at.ed.78119050622 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 23 | 249 |
| POÉTICAS URBANAS: CARTOGRAFIA DE GRAFFITI EM RIO GRANDE/RS | |
| Bianca de Oliveira Lempek De-Zotti | |
| Christiano Piccioni Toralles | |
| Raquel Andrade Ferreira | |
| DOI 10.22533/at.ed.78119050623 | |
| CAPÍTULO 24 | 262 |
| PRÁTICAS DIALÓGICAS DE LINGUAGEM: REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO EM SALA DE AULA COM OS COMANDOS DE PRODUÇÃO TEXTUAL COMO ATIVIDADE DE INTERAÇÃO | |
| Dayse Grassi Bernardon | |
| DOI 10.22533/at.ed.78119050624 | |
| CAPÍTULO 25 | 274 |
| PROCESSO DE DESTERRITORIALIZAÇÃO EM ATIVIDADES DE LI | |
| Silvelena Cosmo Dias | |
| DOI 10.22533/at.ed.78119050625 | |
| CAPÍTULO 26 | 290 |
| PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: A CONTRIBUIÇÃO DOS DICIONÁRIOS DE SINÔNIMOS | |
| Laura Campos de Borba | |
| DOI 10.22533/at.ed.78119050626 | |
| CAPÍTULO 27 | 305 |
| PROJETO DE EXTENSÃO: LEARN ENGLISH | |
| Tamara Angélica Brudna da Rosa | |
| Victória Botelho Martins | |
| DOI 10.22533/at.ed.78119050627 | |
| CAPÍTULO 28 | 310 |
| RELAÇÕES DE PODER DECORRENTES DO DOMÍNIO DA NORMA CULTA: REFLEXÕES A PARTIR DE TEXTOS VIRTUAIS | |
| Caroline Melo | |
| Ana Amélia Furtado de Oliveira | |
| DOI 10.22533/at.ed.78119050628 | |
| CAPÍTULO 29 | 326 |
| REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO INDÍGENA EM DOCUMENTO OFICIAL E SUA REPERCUSSÃO NO CENÁRIO EDUCACIONAL BRASILEIRO | |
| Icléia Caires Moreira | |
| DOI 10.22533/at.ed.78119050629 | |
| CAPÍTULO 30 | 342 |
| SAUSSURE E WITTGENSTEIN: SENTIDO E REFERÊNCIA NO INTERIOR LINGUAGEM LÓGICO- FORMAL | |
| Julio Neto dos Santos | |
| Ivanaldo Oliveira dos Santos Filho | |
| Daniella Brito Almeida | |
| DOI 10.22533/at.ed.78119050630 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 31 | 352 |
| SÉRIE CONCERTOS DIDÁTICOS DA “CONFRARIA DE LA YERBA” | |
| Carla Eugenia Lopardo | |
| DOI 10.22533/at.ed.78119050631 | |
| CAPÍTULO 32 | 361 |
| SOFRIMENTO AMOROSO E FINITUDE DO AMOR NA CANÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: ANÁLISE DE DUAS CANÇÕES | |
| Carlos Vinicius Veneziani dos Santos | |
| Gabriela Ramalho da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.78119050632 | |
| CAPÍTULO 33 | 376 |
| SOUTH PARK E O ESTADO ISLÂMICO: A LINGUAGEM AUDIOVISUAL COMO FORMA DE DESOBEDIÊNCIA E RESISTÊNCIA | |
| Lucas Mestrinheire Hungaro | |
| Roselene de Fátima Coito | |
| DOI 10.22533/at.ed.78119050633 | |
| CAPÍTULO 34 | 384 |
| TO SEE OR TO EAT? - A REFORMULAÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA DO GÊNERO CARDÁPIO | |
| Camila Rangel de Almeida | |
| Esther Dutra Ferreira | |
| Joane Marieli Pereira Caetano | |
| Laís Teixeira Lima | |
| Carlos Henrique Medeiros de Souza | |
| DOI 10.22533/at.ed.78119050634 | |
| CAPÍTULO 35 | 397 |
| UM HERÓI EM FORMAÇÃO: O PASSAR DO TEMPO EM <i>O FAZEDOR DE VELHOS</i> , DE RODRIGO LACERDA | |
| Marcilene Moreira Donadoni | |
| José Batista de Sales | |
| DOI 10.22533/at.ed.78119050635 | |
| CAPÍTULO 36 | 413 |
| UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DA MULHER EM <i>RUA DO SIRIRI</i> , DE AMANDO FONTES | |
| Viviane da Silva Valença | |
| Alisson França Santos | |
| DOI 10.22533/at.ed.78119050636 | |
| CAPÍTULO 37 | 422 |
| UMA INVESTIGAÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS VEICULADOS PELO DISCURSO MIDIÁTICO SOBRE A OCUPAÇÃO DA MESA DO SENADO DURANTE A REFORMA TRABALHISTA EM 2017 | |
| Camila Kayssa Targino Dutra | |
| Verônica Palmira Salme Aragão | |
| DOI 10.22533/at.ed.78119050637 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 38 | 437 |
| VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL I | |
| Mirely Christina Dimbarre | |
| DOI 10.22533/at.ed.78119050638 | |
| CAPÍTULO 39 | 449 |
| VÍNCULOS LINGUÍSTICO-CULTURAIS E IDENTITÁRIOS DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA | |
| Luciana Specht | |
| DOI 10.22533/at.ed.78119050639 | |
| CAPÍTULO 40 | 459 |
| LINGUÍSTICA ECOLÓGICA: A NATUREZA DO CONTEXTO EM UMA PRÁTICA DE MULTILETRAMENTOS | |
| Raquel Souza de Oliveira | |
| DOI 10.22533/at.ed.78119050640 | |
| CAPÍTULO 41 | 468 |
| ACULTURA CORPORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES | |
| Joseane da Silva Miller Rodrigues | |
| Eliane Aparecida Galvão dos Santos | |
| Fernanda Figueira Marquezan | |
| DOI 10.22533/at.ed.78119050641 | |
| CAPÍTULO 42 | 476 |
| O CAMPO DA ARTE E SUAS RELAÇÕES COM A TECNOLOGIA: REALIDADE VIRTUAL | |
| Michelle Sales | |
| DOI 10.22533/at.ed.78119050642 | |
| SOBRE O ORGANIZADOR | 490 |

SOFRIMENTO AMOROSO E FINITUDE DO AMOR NA CANÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: ANÁLISE DE DUAS CANÇÕES

Carlos Vinicius Veneziani dos Santos

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de São Paulo
São Paulo – SP

Gabriela Ramalho da Silva

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de São Paulo
São Paulo – SP

RESUMO: A canção, enquanto expressão artística, possui especificidades estéticas e necessita de uma abordagem técnica específica que possa contemplá-las. Essa abordagem deve prestigiar o seu modo de integração entre melodia e letra e sua relação com a posição discursiva do enunciatário. Este artigo pretende estudar o sofrimento amoroso e a finitude do amor nas canções brasileiras passionais separando-as em duas subcategorias: canções passionais que enfatizam a perda e o sofrimento amoroso em si e canções que enfatizam a possibilidade de restauração dos vínculos rompidos. Analisamos as canções *Quase um segundo*, de Os Paralamas do Sucesso e *De janeiro a janeiro*, interpretada por Roberta Campos e Nando Reis. Para a análise, empregamos diagramas melódicos próprios da metodologia da semiótica da canção. Adotamos como base teórica as perspectivas de Diana Luz Pessoa de Barros (2005; 2011) no que diz

respeito a definição de texto sincrético, e de Luiz Tatit (2007; 2012; 2016) e Luiz Tatit & Ivã Carlos Lopes (2008) no que diz respeito ao método de análise e proposição da tricotomia passional. Também utilizamos alguns pressupostos teóricos de Peter Dietrich (2008) no que diz respeito à mesma teoria. Como resultado e conclusão vimos que os sofrimento amoroso produz sentido, nas canções analisadas, de duas maneiras, remetendo a dois tipos de passionalização, com *Quase um segundo*, exemplificando características da primeira categoria e *De janeiro a janeiro* associada à segunda.

PALAVRAS-CHAVE: Canção. Semiótica. Música.

ABSTRACT: Pop songs, as artistic way of expression, have aesthetic specificities and need specific technical approach to be analyzed. This approach must embrace the mood of integration between lyrics and melody and the relation with discursive position of enunciatee. This article intends to study suffering for love and love finitude on Brazilian pop songs, separating them in two subcategories: songs that emphasize the loss and suffering, and songs that emphasize the possibilities of love links recovery. We analyzed pop songs *Quase um segundo*, by Os Paralamas do Sucesso e *De janeiro a janeiro*, by Roberta Campos and Nando Reis. We used

melodic diagrams, according principles of songs semiotics. We used as theoretical bases books of Diana Luz Pessoa de Barros (2005; 2011), Luiz Tatit (2007; 2012; 2016), Luiz Tatit & Ivã Carlos Lopes (2008), and Peter Dietrich (2008). As conclusion of the research, we confirm the idea of two ways to express love feelings on pop songs, each one exemplified by one of the songs analyzed.

KEYWORDS: Songs. Semiotics. Music.

1 | INTRODUÇÃO

A canção, como expressão artística que possui especificidades de construção e estrutura comunicacional, também necessita de uma abordagem técnica específica para sua análise e interpretação enquanto texto estético. Essa análise deve prestigiar seu modo particular de interação com o enunciatário. Reconhecendo a força de sua história, podemos afirmar que uma técnica cancionista brasileira foi gestada no início do século XX, primeiramente por meio da evolução natural das brincadeiras de rua ou dos salões residenciais do século XIX e, em seguida, como solução para a demanda tecnológica que fez o Brasil ingressar na era do gramofone entre os séculos XIX e XX (TATIT & LOPES, 2008, p. 15).

A presença do tema *amor* nas músicas nacionais é recorrente, e mais ainda o subtema do sofrimento amoroso, que está presente desde as primeiras composições populares do país. Os cancionistas, em geral, procuram expressar angústias comuns aos seres humanos, inclusive as de cunho amoroso, por meio de sua técnica de composição. Nesse sentido, entendemos que as canções brasileiras com esse tema formam um *corpus* importante para uma pesquisa aprofundada. Assim, torna-se pertinente investigar, nesse material, como se dá a representação do sofrimento amoroso e a finitude do amor.

O objetivo desta pesquisa e artigo, que são resultado de projeto de Iniciação Científica desenvolvido no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, é verificar, a partir de análise semiótica, a pertinência da tricotomia categorial passional proposta por Luiz Tatit (desaceleração, saltos intervalares e transposição brusca de registro) e o modo como ela se articula com aspectos musicais como a amplitude da tessitura, a gradatividade da evolução e a tensão expressa pelo conteúdo das letras, constituindo subcategorias dentro da passionalização de modo a demonstrar como se expressa sofrimento amoroso nas canções do *corpus*. Uma dessas subcategorias seria aquela em que as canções passionais enfatizam a dor da perda e o sofrimento amoroso em si; outra estaria associada às que enfatizam a possibilidade de restauração dos vínculos rompidos. Esses dois grupos apresentam características distintas entre si, mas também traços comuns entre os fonogramas que os representam nesta análise.

Para comprovar essa hipótese, utilizaremos como fundamentação teórica a definição de texto sincrético apresentada pela autora Diana Luz Pessoa de Barros

(2005; 2011). Utilizaremos também, mais amplamente, as obras de Luiz Tatit (2007; 2012; 2016) e Luiz Tatit & Ivã Carlos Lopes (2008), no que diz respeito ao método de análise e à proposição da tricotomia passional dentro da teoria da semiótica da canção. Também aproveitaremos alguns pressupostos teóricos de Peter Dietrich (2008) no que diz respeito a mesma teoria.

Como *corpus* foram escolhidas duas canções de sucesso e reconhecimento crítico, com temática amorosa. Foram selecionados fonogramas da fase moderna da música popular nacional, pós bossa-nova, na qual muitos processos composicionais se estabeleceram. Eles são: *Quase um segundo*, interpretada e composta por Herbert Vianna (Os Paralamas do Sucesso) e *De janeiro a janeiro*, composta por Roberta Campos e interpretada por Roberta Campos e Nando Reis, ambas acessadas por meio da rede social de vídeos *YouTube*.

O *corpus* será analisado a partir de diagramas melódicos. Esses diagramas consistem em tabelas de coluna única, com linhas horizontais. Cada espaço representa uma nota da escala musical cromática. Em linguagem musical, considerando a distância intervalar entre as notas, cada espaço da tabela representa uma nota em intervalo de tom ou de semitom (dependendo da nota utilizada). Nesses espaços serão alocadas as sílabas da letra da canção encaixadas na respectiva nota, em sequência, segundo a melodia do canto (TATIT, 2007, p. 31). O processo de produção desses diagramas consiste em ouvir a canção e, com o auxílio de um instrumento musical (neste caso, teclado e violão), descobrir a nota em que se encaixam as sílabas da letra na melodia. Desse modo, torna-se possível analisar os saltos intervalares e a progressão musical dentro do campo de tessitura.

A partir das análises, observaremos no *corpus* as subcategorias do efeito passional de locução em seus campos de tessitura, atentando para a amplitude vocal explorada pelo intérprete, que é recurso fundamental da passionalização.

2 | A CANÇÃO COMO OBJETO DE ESTUDO

A ideia de canção, em qualquer período histórico em que fosse tomada, sempre esteve associada à ideia de voz humana. Henrique Autran Dourado, no *Dicionário de Termos e Expressões da Música*, a define como “música breve para canto acompanhado por instrumento, grupo ou mesmo desacompanhada” (DOURADO, 2008, p. 66). Essa definição já nos dá a clareza de que, entre os elementos musicais, é a voz humana que é imprescindível à canção.

Com o desenvolvimento da indústria fonográfica e a expansão da radiofonia, as canções adquiriram outro estatuto estético, sendo compartilhadas por milhões de pessoas e adaptando-se, em termos de formato e escolhas de arranjo, às limitações físicas dos veículos que as faziam circular. Teve origem, assim, a canção popular típica do século XX e que manteve sua força intacta no século XXI.

O desenvolvimento da canção enquanto produção cultural proporcionou-lhe características, tanto na composição como na fruição, que lhe garantiram independência em relação à ópera, à música instrumental e à música de orquestra. A canção, no âmbito popular, adquiriu estatuto de linguagem artística independente e foi tratada dessa forma por seus produtores, mesmo que poucas vezes tenham sido apontadas as particularidades que justificassem esse tratamento diferenciado. Entre as décadas de 1970 e 1980, foi o cancionista e linguista brasileiro Luiz Tatit quem primeiro identificou e explicitou a principal particularidade da linguagem cancional:

Uma pesquisa sobre canção popular jamais poderá abolir o fator entoação. Os cancionistas - peritos na técnica de integrar melodia e letra - não se atêm a um pensamento propriamente musical. Sua habilidade (...) está em converter os discursos orais, cuja sonoridade é por natureza instável, em canções estabilizadas do ponto de vista melódico e linguístico, de modo que o próprio autor e seus intérpretes-cantores possam reproduzi-las conservando a mesma integridade. Se esse processo de conversão prevê necessariamente a incorporação de regras musicais (ritmo e reiterações de toda ordem), a motivação dos contornos melódicos selecionados para cobrir os segmentos linguísticos funda-se num hábito eminentemente entoativo. (TATIT, 2007, p. 157)

Os estudos de Luiz Tatit buscam reconhecer que a entoação seria um elemento tão ou mais importante para a análise das canções quanto a melodia e a letra.

3 | A SEMIÓTICA DE GREIMAS E A SEMIÓTICA DA CANÇÃO

Para a semiótica de linha francesa, fundada por Algirdas Julien Greimas (semiótica greimasiana), existem duas definições de texto: a primeira diz que texto é um todo de sentido, um objeto de comunicação entre um destinador e um destinatário, um “objeto de significação”: é preciso ser feita uma análise interna e estrutural do texto (BARROS, 2005, p. 11-12). A segunda definição considera o texto como um objeto de comunicação inserido em um contexto cultural, social e determinado por formações ideológicas. Nessa segunda definição, é preciso uma análise externa, ou seja, uma análise do texto em relação ao contexto social e histórico que o envolve e que acaba por lhe dar sentido. Para a semiótica greimasiana, o texto é concebido nessa dualidade, e é preciso investigar tanto o aspecto interno e estrutural quanto o externo: o texto tanto como objeto de significação quanto como objeto de comunicação. O texto pode ser tanto linguístico (oral ou escrito), como visual, gestual (pintura, dança, etc.) ou ainda sincrético, de mais de uma expressão. Segundo Diana Luz Pessoa de Barros:

O texto (...) pode ser tanto um texto linguístico, indiferentemente oral ou escrito - uma poesia, um romance, um editorial de jornal, uma oração, um discurso político, um sermão, uma aula, uma conversa de crianças -, quanto um texto visual ou gestual - uma aquarela, uma gravura, uma dança -, ou, mais frequentemente, um texto sincrético de mais de uma expressão - uma história em quadrinhos, um filme, **uma canção popular** (BARROS, 2011, p. 8, grifos nossos).

A canção como texto e linguagem sincrética também pode ser objeto de análise da semiótica. Ela se caracteriza por essa multiplicidade de elementos de linguagem

em sua composição e seu estudo exige campo teórico capaz de correlacionar esses elementos dentro de uma proposta unitária de comunicação. A semiótica da canção, teoria desenvolvida por Luiz Tatit a partir dos elementos da semiótica de linha francesa, mostrou resultados muito significativos na análise da canção popular brasileira, pois busca analisar cada canção como um todo de sentido, tendo como base de análise o conjunto letra e melodia, de forma que poesia e música não podem ser analisados separadamente.

Os estudos do autor, voltados para a canção popular fonográfica e radiofônica, buscaram dar conta da especificidade de seu objeto. Nessa perspectiva, lograram superar as tentativas anteriores, conforme aponta Peter Dietrich:

Todos os trabalhos acadêmicos defendidos ou publicados sobre música popular até o início da década de 80 dedicam-se quase exclusivamente ao estudo da letra. Até então não existia uma ferramenta capaz de descrever, dentro de um campo teórico homogêneo, a interação entre os fenômenos verbais e musicais presentes na canção. Essa lacuna foi preenchida pela Semiótica da Canção, cujo foco de estudo era justamente a melodia das canções, ponto de interseção entre o verbal e o musical, conduzida pela “dicção” do compositor e do intérprete. Neste sentido, a acepção de canção se aproxima ao conceito de “palavra cantada”, em oposição à “palavra falada”, ou seja, a fala cotidiana. (DIETRICH, 2008, p. 15)

O fundamento da teoria de Luiz Tatit reside na classificação dos modos de compatibilidade entre melodia e letra. O pressuposto teórico básico é o de que:

Qualquer que seja o projeto de canção escolhido, e por mais que a melodia tenha adquirido estabilidade e autonomia nesse projeto, o lastro entoativo não pode desaparecer, sob pena de comprometer inteiramente o efeito enunciativo que toda canção alimenta. A melodia captada como entoação soa verdadeira. É a presentificação do gesto do cancionista (TATIT, 2012, p. 12-13).

Tatit e Lopes propõem os *modelos de integração da melodia com a letra* (2008, p. 17). Para os autores, existem três níveis ou três modelos de compatibilidade entre melodia e letra que se manifestam na canção com graus de dominância. O primeiro modelo – efeito figurativo de locução – caracteriza-se pela aproximação à maneira cotidiana de construir as frases, somada à presença melódica existente neste tipo de linguagem. A melodia se adapta à letra e se comporta de maneira flexível, fugindo da métrica, aproximando-se da conversa diária. A variação entoativa em determinados trechos da canção produzirá impressões de exclamação, hesitação e indagação (TATIT; LOPES, 2008, p. 17-18).

O segundo modelo – efeito temático de locução – caracteriza-se pela integração baseada em um processo de celebração. Os motivos da letra giram em torno da exaltação da mulher desejada, uma data, gênero musical, terra natal ou acontecimento, enquanto na melodia haverá uma tendência à formação de temas que funcionam de maneira complementar à letra. Neste modelo, prevalece a relação de identificação entre o sujeito e os valores atribuídos ao objeto, e a concentração melódica, pela qual as diferenças de andamento tendem a retornar ao centro da melodia. O recurso do refrão e um menor campo de tessitura (menor e maior nota que o cantor atinge na

canção) são características do modelo temático de locução (TATIT; LOPES, 2008, p. 18-20).

Por fim, o terceiro modelo – efeito passional de locução, ou passionalização – possui dois tipos. O primeiro é caracterizado pelo restabelecimento dos elos perdidos, demonstrando, na letra, a ausência do outro, o sentimento de distância, de perda ou necessidade de reconquista. Esse modelo explora amplamente o campo de tessitura. Quanto à melodia, utiliza-se da desaceleração do andamento, valorizações vocálicas e desigualdade temática (TATIT; LOPES, 2008, p. 21-22).

A distância entre sujeito/sujeito ou sujeito/objeto está relacionada ao percurso melódico. Assim, quanto menor a uniformidade dos motivos, maior a distância e o percurso entre os elementos melódicos, culminando em um maior aproveitamento do campo de tessitura e uma tendência à verticalização (ascendência ou descendência das notas) (TATIT; LOPES, 2008, p. 22-23).

Em contraposição ao segundo modelo (tematização), neste primeiro tipo do terceiro modelo (passionalização), a imprevisibilidade é caracterizada pela presença de saltos intervalares – presentes no campo de tessitura, com o intuito de amenizar passagens bruscas no interior da escala – e transposições de registro – parte da canção em região grave, outra em região aguda da escala.

No segundo tipo do modelo de passionalização, a letra está vinculada ao distanciamento entre sujeitos somado a um intenso vínculo temporal. Há uma esperança, materializada na evolução do percurso melódico, de que o tempo pode resolver o conflito. Quanto à melodia, diferente do tipo anterior, mostra-se contínua, tendo a verticalidade preenchida de modo gradual em relação ao campo de tessitura. O andamento é desacelerado, e nesse caso há um controle maior do restabelecimento do percurso melódico. Essa evolução mais controlada da melodia está mais ligada aos projetos de conquista a longo prazo e à saudade.

Segundo Tatit e Lopes (2008, p. 28), não há nenhuma canção que se restrinja a apenas um desses modelos. Existe uma interação entre os três modelos, o que leva a uma correspondência entre o segundo e terceiro modelos quanto a complementaridade e a centralidade. No efeito temático os recursos centrais (tematização e refrão) correspondem aos recursos complementares do efeito passional (graus imediatos e gradação). Seguindo a mesma lógica, os recursos centrais (salto e transposição) correspondem aos recursos complementares do efeito temático (desdobramento e outras partes).

Para esta pesquisa está sendo explorado o modelo da passionalização, usando como *corpus* canções passionais.

4 | A CANÇÃO, O SENTIMENTO E A MELODIA

Iniciaremos a análise comparativa das canções primeiramente por meio das categorias tradicionais da semiótica greimasiana (etapas do percurso gerativo

de sentido) e posteriormente realizaremos a análise com base nos parâmetros da semiótica da canção, utilizando como ferramenta os diagramas melódicos já citados anteriormente.

Começaremos por *De janeiro a janeiro* (CAMPOS, 2013) que é a oitava faixa do álbum *Sei: Como Foi em BH*, de Nando Reis. A canção foi composta por Roberta Campos e interpretada pela cantora em parceria com Nando Reis. A música também está presente no disco da compositora, porém focaremos no fonograma gravado no já referido álbum. Esse disco, por sua vez, é um trabalho do cantor e compositor gravado em estúdio, embora o repertório seja o mesmo do DVD homônimo, que se trata de um registro de um show em Belo Horizonte.

A seguir, veremos texto verbal integral conforme a audição do fonograma:

De Janeiro a Janeiro

(Roberta Campos/ Nando Reis)

1 Não consigo olhar no fundo dos seus olhos

2 E enxergar as coisas que me deixam no ar, deixam no ar

3 As várias fases, estações que me levam com o vento

4 E o pensamento bem devagar

5 Outra vez, eu tive que fugir

6 Eu tive que correr, pra não me entregar

7 Às loucuras que me levam até você

8 Me fazem esquecer que eu não posso chorar

9 Olhe bem no fundo dos meus olhos

10 E sinta a emoção que nascerá quando você me olhar

11 O universo conspira a nosso favor

12 A consequência do destino é o amor

13 Pra sempre vou te amar

14 Mas talvez você não entenda

15 Essa coisa de fazer o mundo acreditar

16 Que meu amor não será passageiro

17 Te amarei de janeiro a janeiro

18 Até o mundo acabar

(CAMPOS, 2013)

A letra tem um estilo simples, sem vocabulário erudito ou rebuscado e sem complexidades sintáticas. Os versos estão organizados em rimas mistas, ou seja, apresentam várias combinações de rimas, sem esquemas fixos.

Nas duas primeiras estrofes o texto verbal parece traduzir uma sensação de incerteza frente ao amor, como se o eu lírico precisasse fugir por medo da entrega, como vemos nos versos “Outra vez, eu tive que fugir/ Eu tive que correr, pra não me entregar” (CAMPOS, 2013).

Nas duas últimas estrofes, vemos que a certeza do amor depende da ação do outro e das “leis do universo”. Como a canção recebe uma interpretação em dueto, há a sensação de um diálogo entre dois sujeitos, e podemos inferir isso por meio do sentido, mas principalmente por haver duas vozes físicas sonoramente distintas no fonograma. Enquanto o sujeito associado a uma voz teme o amor e tenta fugir deste sentimento que o arrasta (como vemos na segunda estrofe), o sujeito associado à outra voz parece explicitar que o amor só irá se concretizar quando o destinatário vier e entender que o amor durará eternamente:

14 Mas talvez você não entenda
15 Essa coisa de fazer o mundo acreditar
16 Que meu amor não será passageiro
17 Te amarei de janeiro a janeiro
18 Até o mundo acabar
(CAMPOS, 2013)

Temos então no plano discursivo uma tensão narrativa entre os dois sujeitos, em que o um deixa clara a sua intenção de conjunção através dos tempos de maneira intensa e eterna enquanto o outro teme que o amor seja passageiro. Há uma tentativa de manipulação, em que o destinador se encontra em um processo de *querer-fazer* (manipular) para atingir conjunção consentida pelo destinatário (no qual está investido o valor *amor*), pela certeza da duração do vínculo amoroso. Entretanto, o destinatário é também o próprio obstáculo para o *poder-fazer*, pois o seu temor quanto ao futuro o faz afastar-se do destinador.

Esta tensão provocada resulta, no nível fundamental, em uma oposição entre insegurança frente ao amor e promessa de eternidade deste mesmo amor. A certeza de que o sentimento é eterno faz com que o sujeito acredite que o fim desta mesma oposição é o próprio vínculo amoroso, como vemos nos versos: “O universo conspira a nosso favor/ A consequência do destino é o amor/ Pra sempre vou te amar” (CAMPOS, 2013) e use essa certeza como um argumento para comprovar que a conjunção entre ele e o destinatário é inevitável, gerando uma estratégia de manipulação, um *crer-fazer*, para convencer o outro de que este amor é verdadeiro e que o destino e o tempo se encarregaram de juntá-los.

Temos então estados passionais explicitados tanto pelo sujeito das duas últimas estrofes como pelo sujeito das primeiras. Nas primeiras há uma relação de amor

versus temor que, nas últimas estrofes, é confrontado com a noção de eternidade. O querer do sujeito demonstra que não há por que temer o fim ou o sofrimento pois o amor acontecerá inevitavelmente.

Nesse sentido, temos aqui, tratando-se somente do plano verbal, uma canção que se encaixa no segundo grupo das canções passionais, já que o teor de sua letra indica que há uma distância entre os sujeitos, mas o tempo - e neste caso o destino também - se encarregará de resolver o conflito.

Partamos agora para análise da canção *Quase um segundo* (VIANNA, 1988), de Os Paralamas do Sucesso, que é a nona faixa do álbum *Bora-Bora*, do mesmo conjunto. A música foi composta e interpretada por Herbert Vianna, vocalista da banda. Veremos a seguir o texto verbal completo:

Quase Um Segundo

(Herbert Vianna/ Os Paralamas do Sucesso)

1 Eu queria ver no escuro do mundo

2 Onde está tudo o que você quer

3 Pra me transformar no que te agrada

4 No que me faça ver

6 Quais são as cores e as coisas

7 Pra te prender?

8 Eu tive um sonho ruim e acordei chorando

9 Por isso eu te liguei

10 Será que você ainda pensa em mim?

11 Será que você ainda pensa?

12 Às vezes te odeio por quase um segundo

13 Depois te amo mais

14 Teus pelos, teu gosto, teu rosto, tudo

15 Que não me deixa em paz

16 Quais são as cores e as coisas

17 Pra te prender?

18 Eu tive um sonho ruim e acordei chorando

19 Por isso eu te liguei

20 Será que você ainda pensa em mim?

21 Será que você ainda pensa?

(VIANNA, 1988)

Como na primeira canção, não há na letra rebuscamentos exagerados de vocabulário nem complexidades sintáticas. Os versos, assim como em *De janeiro a janeiro*, estão organizados em rimas mistas, ou seja, apresentam várias combinações de rimas, sem esquemas fixos ao longo da letra, chegando bem perto de serem versos brancos em alguns trechos.

Nas duas primeiras estrofes vemos uma alusão de duas pessoas do discurso, um “eu” e um “tu”, no qual o “eu” busca agradar aquele a quem se remete como nos versos “Eu queria ver no escuro do mundo/ Onde está tudo o que **você** quer/Pra me transformar no que **te** agrada” (VIANNA, 1988, grifos nossos). Os verbos também quase sempre exprimem ações relacionadas à busca pelo outro e por cativá-lo, como vemos também nos trechos supracitados. Essa seleção vocabular dos verbos de ação apresenta dois campos semânticos: um relacionado à ideia de ligar-se ao outro, de prendê-lo e outro ligado à busca e à falta do outro.

Na quarta estrofe, vemos também essa alusão ao outro, porém agora o “eu” presente no texto enumera qualidades que fazem sentir falta da pessoa querida, como se percebe nos versos “Teus pelos, teu gosto, teu rosto, tudo/ Que não me deixa em paz” (VIANNA, 1988); de novo no estribilho há a busca por maneiras de reaproximação.

No plano discursivo, temos, então, uma tensão narrativa em que o sujeito enunciador declara que está disposto a encontrar alguma maneira de retomar o elo perdido, ou seja, uma intenção de conjunção deste sujeito com um objeto de valor; entretanto, não sabe como trazer esse objeto para perto. Nesse sentido vemos que o sujeito está em um processo de *querer-fazer* com que seu objeto volte estar com ele, o que corresponde a uma estratégia de manipulação que busca um *crer-fazer*, na busca de convencer de que pode fazer qualquer coisa para conquistar o destinatário, porém a vontade dele impossibilita o *poder-fazer*.

A falta do querer por parte do destinatário resulta, no nível fundamental, em uma oposição entre amor e rejeição, pois há por parte do destinador a intenção de amar e se unir ao destinatário, mas este não deseja essa conjunção. O destinatário está tão distante que o próprio destinador não sabe se existe de alguma forma a possibilidade dessa junção como vemos nos versos do refrão “Será que você ainda pensa em mim? / Será que você ainda pensa?” (VIANNA, 1988).

As marcas da presença do destinador no discurso (como já havíamos citado anteriormente) indicam que este é um sujeito de estado, e por esse motivo é importante delimitar os estados passionais do narrador. Na primeira estrofe, o sujeito exprime um desejo intenso de acessar o seu objeto e busca maneiras de concretizar esse desejo, isto se repete também no estribilho. Na quarta estrofe vemos que o sujeito sente ódio

por ser rejeitado e por não conseguir abandonar o desejo da conjunção, porém há uma reiteração por meio do estribilho da vontade de reestabelecer o elo perdido.

Temos aqui então, tratando-se somente do plano verbal, uma canção que se encaixa no que Tatit e Lopes apresentam como o primeiro grupo das canções passionais, pois sua letra enfatiza o sentimento de distância e a necessidade de reconstruir elos perdidos (TATIT; LOPES, 2008, p. 21-22).

Comparando as duas canções, vemos em *De janeiro a janeiro* uma união entre sujeito e objeto que está impedida apenas por uma insegurança; superada essa condição, a união final será inevitável. Não ocorre demonstração de grandes sofrimentos ou de grandes angústias por parte dos sujeitos já que o próprio sentimento através do tempo vencerá a distância e o amor então se tornará eterno. Já em *Quase um segundo*, vemos que a conjunção aparece como impossível, já que há sensação de rejeição do destinatário, o que gera angústia e abstinência no destinador, que busca de qualquer maneira agradar para juntar-se a ele, porém todo esforço é em vão.

Depois dessas considerações sobre o plano verbal, poderemos agora examinar o plano melódico das canções. Veremos agora se os estados passionais representados nas letras mantêm sua intensidade no momento em que os intérpretes fazem a junção entre melodia e letra. Faremos isso comparando os diagramas de ambas as canções para observarmos também as diferenças entre os tipos de canções passionais.

Observaremos na melodia as canções em suas respectivas subcategorias dentro da passionalização. Para isso, primeiramente daremos atenção ao campo de tessitura, verificando a amplitude vocal da melodia, índice de passionalização. Comparando os diagramas das canções *De janeiro a Janeiro* e *Quase um segundo*, podemos ver essa diferença nos campos de tessitura de cada intérprete. Em *De janeiro a Janeiro* observamos uma tessitura vocal menos ampla com apenas 13 semitons de espaço:

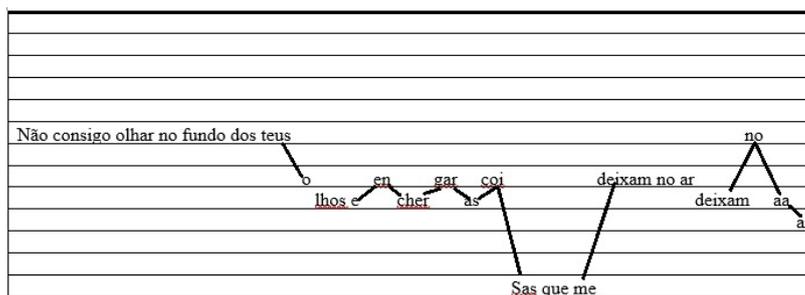


Imagem 1 – Diagrama melódico de um trecho da canção *De Janeiro a Janeiro*, de Roberta Campos e Nando Reis

A imagem 1 mostra que a exploração vocal melódica é mais contida, tendo saltos intervalares menores entre as notas entoadas, o que remete ao segundo tipo de canções passionais, aquelas que têm uma evolução mais controlada da melodia, maior contenção vocal e estão mais ligadas aos projetos de conquista a longo prazo e à saudade (TATIT; LOPES, 2008, p. 23). Relacionando com a análise da letra,

observamos que há o reflexo do texto na melodia, pois, como já foi dito, o sujeito enunciativo desta canção explicita o desejo de efetuar uma junção com o objeto de valor que dure eternamente, e também exprime que esta junção será inevitável através do tempo. Já na canção *Quase um segundo*, de Os Paralamas do Sucesso vemos uma exploração ampla do campo de tessitura com 20 semitons de espaço:

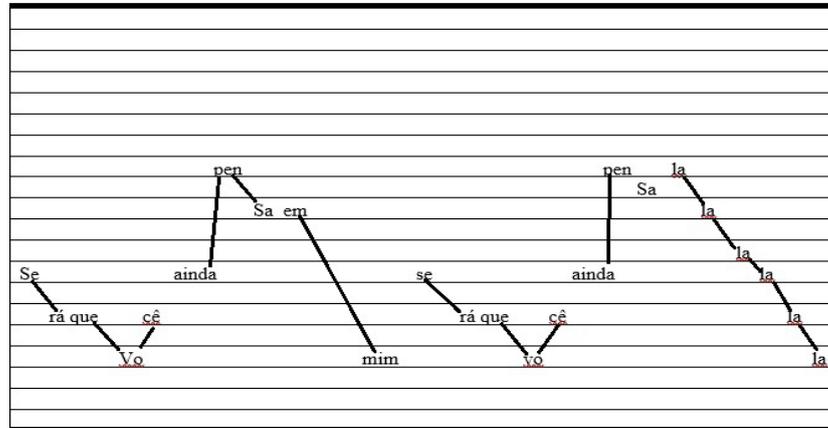


Imagem 2 – Diagrama melódico da canção *Quase um segundo*, interpretada por Paralamas do Sucesso

Quase um segundo, por ter uma grande exploração vocálica e grandes saltos intervalares, se caracteriza como uma canção do primeiro tipo de passionalização; como exemplo disso, vemos na imagem acima que a distância entre a palavra “em” e a palavra “mim” é de 7 semitons, faltando apenas 5 semitons para oitava inteira de diferença. Há também, como propriedade de canções que se encaixam no segundo grupo de canções passionais, uma transposição de registro (parte da canção em região grave, outra em região aguda da escala). É o que vemos nas imagens a seguir:

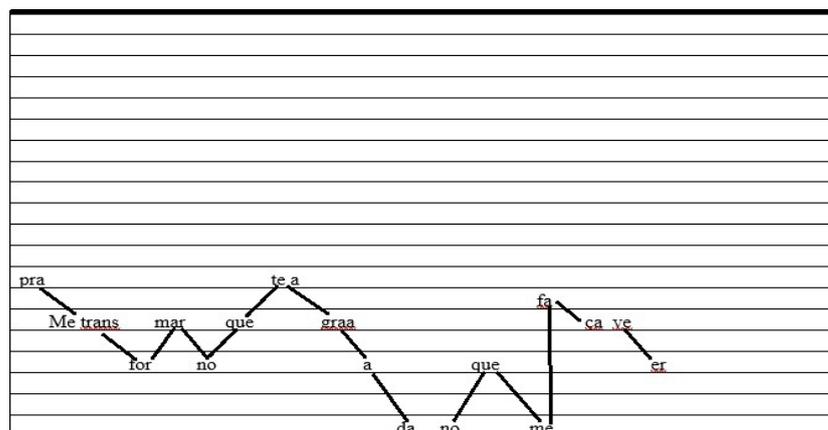


Imagem 3 – verso antes do estribilho, onde ocorrerá a transposição

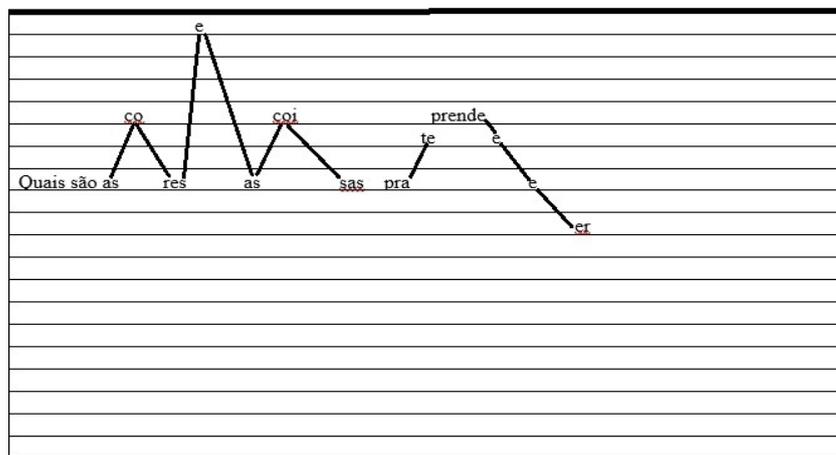


Imagem 4 – transposição de parte da canção para a região mais aguda

Nota-se que as notas que antes estavam sendo entoadas nas parte mais grave (imagem 3) são transpostas para a parte mais aguda (imagem 4). O intérprete, inclusive, se utiliza de da técnica vocal do *falsete* para alcançar notas mais agudas, contribuindo ainda mais para o aumento do campo de tessitura e para a transposição. A letra, como vimos, está vinculada a um distanciamento entre sujeitos, ao sofrimento e pela busca de restauração de elos perdidos (TATIT; LOPES, 2008, p. 22), correspondendo à intenção melódica.

Este fonograma, ao contrário do outro, por ter maiores saltos na escala, resulta em uma maior dificuldade de cantar, trazendo mais expressividade ao canto, o que exprime e traduz melhor o sofrimento amoroso presente na canção, nas palavras de Tatit:

Dentro de um quadro de restabelecimento do percurso que leva a melodia ao encontro de si própria, quadro esse que sem compatibiliza com sentimentos de carência apontados na letra, os saltos e transposições representam acelerações do processo que, por sua vez, repercutem no que chamamos de integração “natural” [...] da melodia com a letra: os intervalos distantes entre notas exigem um esforço de emissão que realça o estado emotivo do cantor (TATIT, p. 22, 2008).

Ainda comparando as duas canções observamos que, na canção *De Janeiro a Janeiro*, o andamento, por não ter grandes saltos intervalares, não tem nenhuma tendência a verticalização e nem a gradação, a notas estão sempre na mesma linha entoativa resultando em um passionalização menos evidente, o que está relacionado também com a letra, já que nesta a conjunção é possível, o que leva a um menor sofrimento e a um andamento mais controlado (com poucos saltos intervalares).

Já em *Quase um segundo*, a presença da gradação melódica, caracterizada por uma diminuição progressiva da altura das notas, é mais marcada principalmente nas notas finalizantes de cada unidade entoativa O que mais uma vez comprova que esta faz parte do primeiro grupo de canções:

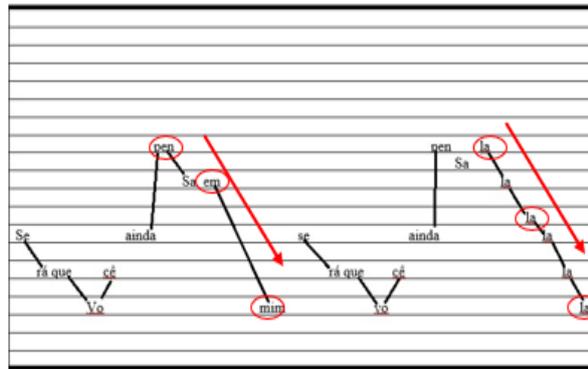


Imagem 5: Evidência de graduação no refrão

É necessário frisar que os modelos de integração entre melodia e letra têm atuação recíproca (TATIT; LOPES, 2008, p. 23), portanto é possível a presença do modelo de integração temática como apoio nas canções passionais. A reiteração por meio de refrão, por exemplo, é uma característica da tematização funcionando como contrapeso à passionalização.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises realizadas foi possível compreender que as canções passionais com andamento controlado (segundo tipo) traduzem perdas amorosas que podem ser reestabelecidas atrás do vínculo temporal, podemos ver esta correspondência na letra. Já as canções passionais com maiores saltos intervalares, transposições de registro e tendência verticalizante (primeiro tipo) correspondem a letras com maiores índices de sofrimento, nas quais o sujeito busca reestabelecer elos perdidos com o objeto de valor, porém há um obstáculo quase insuperável que impede a conjunção.

Concluimos então que a análise das canções de nosso *corpus* mostra que o sofrimento amoroso pode aparecer de pelos menos duas maneiras: por meio da perda inevitável e por meio da conjunção dita “eterna”, com implicações na construção da relação melodia/letra, conforme as observações de Tatit. Entretanto, não devemos generalizar e colocar todas as canções passionais de cunho amoroso sempre nessa divisória. Há outras formas de expressão do sofrimento amoroso possíveis, a depreender da análise de outras canções, mas não nos cabe nos limites desta pesquisa trazer esses outros casos.

REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2005.

DIETRICH, Peter. **Semiótica do discurso musical: Uma discussão a partir das canções de Chico Buarque**. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências

Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde.../TESE_PETER_DIETRICH.pdf>. Acesso em: 20 set. 2018.

DOURADO, Henrique Autran. **Dicionário de Termos e Expressões da Música**. 2. Ed. São Paulo: Editora 34, 2008.

TATIT, Luiz. **Todos entoam**: ensaios, conversas e canções. São Paulo: Publifolha, 2007.

TATIT, Luiz. **O cancionista**: composição de canções no Brasil. 2. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

TATIT, Luiz. **Estimar canções**: estimativas íntimas na formação do sentido. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2016.

TATIT, Luiz; LOPES, Ivã Carlos. **Elos de melodia e letra**: análise semiótica de seis canções. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

CAMPOS, Roberta. De janeiro a janeiro. Interpretação: Nando Reis part. Roberta Campos. **Sei: como foi em BH**. Coqueiro Verde Records, 2013. Faixa 8.

VIANNA, Herbert. Quase um segundo. Interpretação: Herbert Vianna (Paralamas do Sucesso). **Bora Bora**. EMI, 1988. Faixa 9.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-378-1

